

Manguebeat: O criador e as criaturas¹

Anna Thamires Silva TENÓRIO²

Amanda Cavalcanti Santana de MELO³

Paulo Souza dos SANTOS JÚNIOR⁴

Germana Lucena SOARES⁵

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo descreve o processo de produção do documentário intitulado “*Manguebeat: O criador e as criaturas*”, abordando em detalhes como se deu o processo de criação e concepção da estética fotográfica que compõe o curta-metragem, além de discutir impressões sobre o processo produtivo e abordar a relevância do tema. São apresentadas chaves da criação, destacando-se o papel da adaptação da linguagem fotográfica tradicional para as produções audiovisuais, expandindo as possibilidades de construção narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; documentário; estética; fotografia; *manguebeat*.

1 INTRODUÇÃO

O curta-metragem *Manguebeat: O criador e as criaturas* é uma produção acadêmica desenvolvida na disciplina de Montagem de Portfólio e Curadoria no segundo semestre de 2015, sendo criado como um suporte audiovisual para exposição fotográfica “*Manguebeat*”. A exposição foi elaborada para homenagear o principal responsável pela difusão do movimento, Chico Science no ano em que completaria 50 anos, reuniu fotografias autorais e produções audiovisuais da quinta turma de formandos do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco. A

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria IV Cinema e Audiovisual, modalidade CA07 Fotografia em Movimento (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia, e-mail: annathamirestenorio@gmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia, e-mail: csmelo.amanda@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia, psouzamail@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Tecnologia em Fotografia, e-mail: gerenciamentodecor@gmail.com.

visitação ocorreu nos meses de Fevereiro e Março de 2016 no Museu da Cidade do Recife.

O filme é uma produção documental que apresenta visões de artistas, pesquisadores e entusiastas sobre o *Manguebeat*, movimento artístico e cultural que explodiu no Recife no início dos anos 90, que marcou um ciclo fundamental na retomada cultural e na ocupação dos espaços da cidade, que se criticou o caos urbano, e o “ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama” (CASTRO, 2010, p.27).

2 OBJETIVO

Produzir um curta-metragem documental sobre o movimento *Manguebeat*, para compor o acervo da exposição homônima, explorando a história e o legado do movimento através de depoimentos.

3 JUSTIFICATIVA

A fotografia foi uma das áreas mais impactadas pela Revolução Digital. A transição do analógico para o digital neste campo em particular mudou não apenas a forma de obtenção da imagem, mas a maneira como é tratada em seus recursos de pós-produção e acrescentou ao campo as possibilidades de misturar a fotografia com outras linguagens, notadamente o vídeo. A mudança de processo conduz certamente a uma mudança no produto final do processo fotográfico, levando ao surgimento de novas linguagens dentro da modalidade que se convencionou chamar de uma fotografia multimídia.

No que se refere à mudança de paradigma tecnológico, a última década do século representou um cenário de confrontação e incerteza em relação ao engaste entre velha e nova fotografia, entre fotografia argêntica e fotografia digital. Deveríamos falar de transição ou ruptura? (FONTCUBERTA, 2012, p.14)

A reflexão acima feita por Joan Fontcuberta no livro *A Câmera de Pandora* enseja questionamentos pertinentes ao novo fazer fotográfico, que não se encerra mais na captura de uma imagem estática, em um “quadro” que deveria conter em si “o instante decisivo” de Cartier-Bresson, mas que abraça a novidade, a mistura de códigos e de linguagens e reflete também o seu tempo histórico, marcado pela velocidade das trocas informativas, pela desterritorialização e pelas exigências do imediatismo e da globalidade.

A fotografia digital, por sua vez, é consequência de uma economia que privilegia a informação como mercadoria, os capitais opacos e as transações informáticas invisíveis. Tem como material a linguagem, os códigos e os algoritmos; compartilha a substância do texto ou do som, e pode existir em suas próprias redes de difusão. (IDEM)

Da fotografia digital surgiu como consequência natural o vídeo digital. Há pouco menos de 10 anos as câmeras DSLR passaram a ter a capacidade de gravar filmes com qualidade. O lançamento em 2008 da Canon 5D Mark II foi um marco para mercado do audiovisual e em pouco tempo a capacidade de captura, atrelada as facilidades de um equipamento portátil, com custos inferiores aos convencionais, colocou as câmeras fotográficas em um patamar até então inimaginável: ocupar espaço no mercado de vídeo.

Esse breve histórico de transição da fotografia estática para fotografia em movimento busca traçar um paralelo com a trajetória produção que permeia a biografia de muitos fotógrafos, e com a própria história do cinema. O desejo do homem de captar o movimentos é uma demanda que surge pouco após o surgimento da própria fotografia, os movimentos de câmera, as técnicas de zoom, surgem posteriormente, como inovações da linguagem. É em um quadro fixo que o homem começou a captar os movimentos, produzindo verdadeiras fotografias em movimento.

Fazer fotografias em movimento é também o impulso inicial de qualquer fotógrafo, montar a câmera em um tripé, enquadrar, focar, medir a luz. Essa foi a técnica utilizada largamente nos anos iniciais do cinema, e perdura até hoje. São esses planos

fixos que compõem o documentário aqui apresentado, um filme que utiliza entrevistas e imagens de apoio, onde a câmera não se movimenta, os objetos por ela fotografados sim.

Em 2015 o filme do diretor polonês Pawel Pawlikowski, *Ida*, fotografado por Lukasz Zal, encantou o mundo do cinema, conquistando inclusive a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas ao ser vencedor do Oscar melhor filme de língua estrangeira e indicado na categoria de melhor fotografia. Trata-se de uma produção onde a fotografia é essencialmente de planos fixos, onde cada frame funciona como uma belíssima fotografia. Um produção contemporânea que construiu sua narrativa sem empregar guias ou movimentos complexos de câmera, onde a construção da fotografia se concentrou em compor e iluminar belas cenas.



Figura 01 - Rogerman, ex-baixista da Banda Eddie e vocalista do Bonsucesso Samba Clube. Fonte: Still do filme *Manguebeat: o criador e as criaturas*.

Vale também mencionar a importância do gênero utilizado, o documentário. Documentar é uma forma de construir a história, de produzir documentos e artefatos que amparem a memória de nosso tempo. É desse desejo e necessidade que surge “*Manguebeat: o criador e as criaturas*”, para construir um retrato local, Recifense, Pernambucano, sobre um movimento que se confunde com nossas próprias biografias.

Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser, caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela

fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geleia esverdeada de suas vísceras pegajosas (CASTRO, 2010, p.26).

O *Manguebeat* foi um movimento único no cenário musical e cultural do Brasil, fundado no resgate de ritmos tradicionais, trazia a crítica social sobre a fome, miséria e violência. Unindo maracatu, caboclinhos, rock, hip hop, tambores e guitarras, homens e caranguejos, a geografia da fome de Josué de Castro, o caos urbano e a lama, o *Manguebeat* sempre foi assim, um amontoado caótico de signos e referências, que ganharam harmonia sob a batuta de seu criador e porta voz, Chico Science. Movimento que merece extensivo estudo e documentação, foi um resgate da auto estima do povo pernambucano, ofereceu ao país um novo núcleo criativo, que se expandiu e repercutiu até hoje.

Entre tantas outras, uma das diferenças entre o *Manguebeat* e movimentos anteriores foi a forma que ele (sic) se aproximou da arte do povo. Os *mangueboys* foram movidos por uma curiosidade natural. Queriam aprender com rabequeiros, coquistas, o que não lhes foi ensinado nas escolas nem entrava nas programações pasteurizadas das FMs. E mais: trazendo esses artistas para a ribalta com eles, dividindo shows, palcos de festivais. (TELLES, 2012, p.276)

É unindo esses conceitos, o zelo pela técnica da fotografia e do cinema, a construção narrativa de um documentário e uma temática de relevância social e cultural, que o filme aqui apresentado ganhou forma e relevância, na medida que faz uso de uma linguagem, de um código de grande permeabilidade, para resgatar e preservar a memória de nosso patrimônio cultural.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A produção foi realizada com a captura de vídeo por uma câmera DSLR, Canon 6D, com lentes 40mm e 24-105mm. O áudio foi gravado com um microfone condensador Benko SG-108 acoplado a própria câmera. A câmera ficou quase que integralmente montada em tripé durante as gravações. Todo material capturado foi posteriormente editado e montado no software Adobe Première.

Os entrevistados foram selecionados sob a perspectiva de oferecer um panorama local, com pessoas que participaram e convivem com a cena cultural da cidade ao longo dos últimos 20 anos. Esse critério busca preencher uma lacuna, visto que muitas vezes os registros documentais privilegiam os grandes artistas e deixam de olhar mais de perto o movimento.



Figura 02 – Almir Cunha, membro do “Raízes do Manguê”, grupo que preserva e difunde o movimento manguê. Fonte: Still do filme *Manguebeat: O criador e as criaturas*.

Foi realizada também uma pesquisa de acervo, notadamente no banco de vídeos do “Acervo Chico Science e Nação Zumbi”, montado pelo integrante do grupo Raízes do Manguê, Everton Melo, a partir de aquisições de acervos pessoais.

A construção narrativa se baseia em duas premissas básicas, abordar o histórico do movimento e discutir o legado que persiste até os dias de hoje na cena cultural da cidade. As perguntas e a condução das entrevistas tiveram como objetivo abordar esses dois eixos principais, que também orientam a montagem do filme.

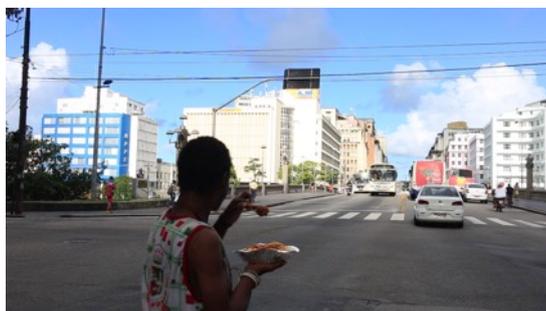


Figura 03 – Um pedestre atravessa uma das principais avenidas da cidade enquanto tranquilamente come seu almoço. Fonte: Still do filme *Manguebeat: O criador e as criaturas*.

Como suporte imagético, foram inseridas cenas do cotidiano urbano, tão abordado nas músicas do movimento. As imagens funcionam como transição entre cenas e tem intenção de apresentar ao espectador um espaço visual que provoque alternância em relação aos longos planos de entrevistas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Mangubeat: o criador e as criaturas é um filme documental, de curta metragem, que aborda a temática do movimento manguê sob a ótica de entrevistados e imagens de arquivo.

A narrativa do documentário é fundada na premissa de apresentar relatos que contextualizem o espectador no cenário histórico em que surgiu o movimento, falando de um Recife que era culturalmente morno, sem estrutura e como o próprio movimento ressalta, uma das “piores cidades do mundo”.

Apresentado o contexto, as entrevistas vão falar sobre a explosão, sobre toda surpresa, efervescência, que surgiu na região metropolitana do Recife no início dos anos 90. Os entrevistados abordam “o criador”, Chico Science, as bandas que estiveram na periferia do movimento, seu crescimento com todos os braços que dele derivaram, pulsando e expandindo.

O filme conduz sua parte final para um panorama contemporâneo, apresentando as “criaturas”, filhos do movimento manguê, que hoje preservam e desenvolvem ações em sua memória. Discute também o legado cultural, que formou uma cena na moda, no cinema, nas artes em geral, todos frutos de uma explosão cultural que teve início naquele explosivo encontro acontecido há mais de 20 anos.

A estética do filme se concentra na valorização e zelo dos planos fotografados, com preocupação na composição dos quadros “vivos” onde toda ação se desenvolve. São

fotografias em movimento, e como tal, prezam pelo enquadramento, foco, fotometria, profundidade de campo, entre outros aspectos.

Apesar de um nítido cuidado com a captura da imagem, o áudio também foi uma preocupação, uma busca para assegurar clareza e nitidez das falas, minimizando a influências dos fatores externos, como ruídos e toda paisagem sonora dos ambientes. Tanto os sons captados, quanto os sons de acervo, foram equalizados para oferecer uma experiência sonora que seja inteligível e imersiva, principalmente quando das entrada de passagens musicais de arquivo.

É através da conjunção desses elementos que o filme foi construído, como um produto que sintetiza entrevistas, imagens de apoio e vídeos de acervo, para contar ao espectador a história e as impressões sobre um movimento dos mais relevantes da história musical do Brasil, celebrado mundo afora pelo seu ineditismo e pulsante energia.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção desse documentário foi uma prática que nos inseriu em um universo de construção narrativa, apresentando desafios e aprendizados que constituem a tarefa de apresentar uma história a um público. A criação de uma estrutura lógica, de um encadeamento de ideias, a preservação do ritmo, foram preocupações constantes. As escolhas ao longo da produção tinham como finalidade proporcionar ao espectador uma experiência culturalmente enriquecedora, visualmente prazerosa, permitindo que o consumo do produto audiovisual se tornasse uma experiência positiva.

Foi fundamental e importante chegar ao resultado final, constituir um documento sobre um movimento histórico relevante, que faz parte da história e vida cultura do Estado de Pernambuco, sempre em constante evolução. Um documento que se parece com tantos outros, mas que se preocupou em oferecer novos olhares e perspectivas, dialogando com a realidade do movimento mangue de forma autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. 4a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FONTCUBERTA, Joan. **A Câmera de Pandora: a fotografia depois da fotografia**. São Paulo: G. Gilli, 2012.

TELES, José. **Do frevo ao maguebeat**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Humano. Título original: Human. País: França. Direção: Yann Arthus-Bertrand. Ano de produção: 2015.

Ida. Título original: Ida. País: Polônia. Direção: Pawel Pawlikowski. Ano de produção: 2014.